



**Declaração à imprensa seguida de entrevista coletiva concedida pelo  
Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, em conjunto com o  
Presidente de Burkina Faso, Blaise Compaoré**

**Ouagadougou – Burkina Faso, 15 de outubro de 2007**

Sua Excelência, senhor Blaise Compaoré, presidente de Burkina Faso,  
Senhores ministros de Burkina Faso,  
Brasileiros,  
Jornalistas,  
Amigos e Amigas,

É um especial privilégio ser o primeiro presidente brasileiro a visitar este belo país e conhecer de perto um povo tão afetuoso. Mas é também um desafio.

Recordo-me muito bem das palavras de Vossa Excelência, quando de sua visita ao Brasil, em setembro de 2003. Assinalou então que, no passado remoto, a África e o Brasil foram um só território, uma continuidade geográfica. Manifestou a esperança de que, apesar do oceano Atlântico entre nós, pudéssemos voltar a forjar essa unidade.

Com esse propósito estou começando esta minha viagem à África por Burkina Faso. Tenho certeza de que os entendimentos e os acordos anunciados hoje servirão de marco de referência no intercâmbio do Brasil com a África. Todas as iniciativas que estamos lançando têm fortes vínculos com a agenda social que nossos governos priorizam. Refletem o compromisso com o desenvolvimento autônomo e a cooperação solidária.

É o caso do protocolo em matéria de cultivo de algodão. Contribuirá para tornar ainda mais competitiva a produção agrícola de Burkina Faso. Tornará o agricultor local menos vulnerável às pragas, ao mau tempo e às más práticas



dos que subsidiam ilegalmente produtores em países ricos.

Na saúde, ressalto a cooperação que iniciaremos em vigilância epidemiológica, medicina tradicional, sistemas de saúde e saúde infantil. Vamos colaborar de forma concreta para aumentar a expectativa de vida e reduzir a mortalidade infantil.

Uma das áreas a ser desenvolvida poderá ser a de capacitação em negociações internacionais sobre saúde. Não é preciso ressaltar a transcendência desse tema para os países em desenvolvimento. São negociações que visam a garantir às nossas populações o acesso a novos medicamentos e procedimentos sanitários contra moléstias devastadoras.

Assinamos um compromisso na área de biocombustíveis com a União Econômica e Monetária do Oeste da África, que tem sede aqui, em Ouagadougou. Estou convencido de que o Brasil pode contribuir para a implementação de uma política energética à altura das necessidades econômicas e sociais do continente.

No momento em que a África retoma o caminho do crescimento, o etanol e o biodiesel ajudarão a garantir a autonomia energética e a soberania econômica do continente. Ao mesmo tempo, contribuirão para fortalecer a agricultura, sobretudo de pequena escala. Não menos importante, colocarão muitos países africanos na vanguarda da luta contra o aquecimento global.

As trocas comerciais entre nossos países, embora crescentes, ainda estão muito aquém do seu potencial. Estou certo de que os empresários brasileiros em minha comitiva saberão multiplicar as oportunidades de negócios em benefício das relações entre nossos países e do crescimento sustentável de Burkina Faso, inclusive por meio de investimentos no setor hidrelétrico e de irrigação.

Quero congratular-me com Vossa Excelência por estarmos iniciando um intercâmbio cultural. O primeiro passo será a mostra de cinema brasileiro em Ouagadougou, com o apoio do mais conceituado festival de cinema do



continente africano, o Festpaco. Posso assegurar que o público brasileiro terá igual curiosidade em conhecer a produção cinematográfica de Burkina Faso e de outras nações desta região da África.

Conversamos ainda sobre temas da agenda internacional, incluindo as perspectivas da Rodada de Doha, da OMC. Analisamos a situação dos países africanos, em especial dos países produtores de algodão. O G-20 está unido a esse grupo na luta contra os subsídios agrícolas dos países ricos.

Na ONU, contamos com o empenho de Burkina Faso em favor do início imediato de negociações para reformar e expandir o Conselho de Segurança. Desejo reiterar meu agradecimento pelo apoio sempre inequívoco de Burkina Faso para que o Brasil ocupe um assento permanente naquele Conselho, no contexto de uma reforma que contemple também o continente africano.

Meu caro presidente Compaoré,

Vossa Excelência foi o primeiro presidente africano a visitar o Brasil em meu governo. Foi o primeiro a atender o meu convite para relançar, entre a África e o Brasil, uma parceria à altura de nosso passado e de nossas potencialidades.

Por isso, tenho especial satisfação de anunciar que o Brasil irá abrir uma embaixada residente em Ouagadougou. Sei que Burkina Faso fará o mesmo em Brasília. Com embaixadas residentes instaladas nas duas capitais será mais fácil ampliar o diálogo político, reforçar a cooperação bilateral e multiplicar nossas relações econômico-comerciais.

Os resultados desta minha visita não deixam dúvidas. Começamos a colher os frutos de uma parceria que Vossa Excelência ajudou a plantar em sua histórica viagem ao Brasil.

**Jornalista:** A pergunta para o senhor é a seguinte: o senhor se sente mais tranquilo agora, com a saída, ainda que temporária, do presidente Renan, ou o senhor acha que o clima ainda é de preocupação para o governo, com relação



a essa matéria?

**Presidente:** Olha, eu não deveria responder perguntas sobre o Brasil no meu primeiro dia de viagem ao exterior. Por uma questão cultural, nós vamos estabelecer isso entre nós, daqui para a frente.

Eu acabo de fazer a assinatura de sete protocolos com o presidente de Burkina Faso. Acho extremamente importante o povo brasileiro saber da determinação do Brasil de investir cada vez mais na nossa relação com a África, de contribuir do ponto de vista científico e tecnológico, do ponto de vista dos investimentos em infra-estrutura, na troca de experiências na área de educação, para que os países africanos se desenvolvam de forma madura e com uma certa rapidez. Não é possível que a África não tenha, no século XXI, as oportunidades que outros países tiveram no século XX.

Dito isto, eu queria dizer que o problema é que o que está para ser votado no Brasil não é de interesse do governo. A CPMF é (Inaudível) brasileira. Afinal de contas, nós temos 504 bilhões de reais colocados no investimento de infra-estrutura e se você não pode utilizar esse dinheiro, você vai ter que mexer em dinheiro de outras áreas do governo. Todo o dinheiro está no mesmo cofre. É mais ou menos como o dinheiro que está no seu bolso, não dá para separar. E depois, eu acho que o fato de o presidente Renan pedir licença não altera nada. Ultimamente, eu acho que o Senado votou todas as coisas que nós queríamos que fossem votadas, a Câmara votou todas as coisas que nós queríamos que fossem votadas, e somente agora chegou para votar no Congresso Nacional, no Senado, e eu estou convencido de que vai passar, como passou na Câmara.

Na semana passada houve uma reunião dos ministros da Fazenda dos países da América do Sul. O nosso ministro Guido Mantega participou e (inaudível) praticamente todas as regras que vão coordenar o funcionamento do Banco do Sul, inclusive com a definição da sede do banco. Falta discutir



apenas algumas coisas, dentre as quais as quotas que vão caber a cada país. Eu, particularmente, acho que esse Banco que estamos criando – é importante lembrar que o Brasil já tem um grande banco de desenvolvimento, o BNDES; que nós já temos na América do Sul a Caixa, que atende aos países andinos – e o Banco do Sul será mais um com a perspectiva de contribuir no investimento em infra-estrutura para o desenvolvimento da América do Sul.

Eu estou convencido de que o sucesso do Banco do Sul poderá ser uma experiência adaptada à realidade da África para se criar (inaudível), se bem que o continente africano já tem banco. Mas para nós, se tiver sucesso como imaginamos que vai ter, que isso possa servir de estímulo para a África, o que já é uma coisa (inaudível).